



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



CORPOS EM CENA NAS METRÓPOLES GLOBAIS: MENINAS NEGRAS, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E CINEMA

Regina Marques de Souza Oliveira (UFRB)

Resumo: O artigo aborda a dimensão dos processos de produção subjetiva e constituição de identidade de meninas negras – jovens e adolescentes - habitantes nas periferias das metrópoles globais São Paulo e Paris, a partir da consideração sobre corpo enquanto complexidade multidimensional que engloba elementos físicos, culturais, sociais, antropológicos, emocionais, simbólicos, psíquicos e geográficos. O campo empírico da pesquisa foi realizado nas duas cidades mundiais. A metodologia consistiu na observação participante e etnografia conjugadas a entrevistas abertas e semi-estruturadas em equipamentos sociais voltados para o público juvenil e feminino (escola, equipamento de lazer e cultura, associação comunitária). Utilizamos também em São Paulo o método de histórias de vida, a partir da perspectiva clássica da psicologia social materialista histórica (Escola de São Paulo). A análise dos resultados conjugam as dimensões epistemológicas da psicologia social, psicanálise, geografia, antropologia e ciências sociais. Os filmes *Antonia* (Brasil, 2007) e *Preciosa* (EUA, 2009), ajudaram a compor o corpo metodológico e análise dados. Os dados revelam que as meninas negras nas metrópoles globais (São Paulo, Paris e Nova York) anunciam em suas identidades e processos subjetivos importantes revoluções/transições da sociedade. Contato: marquesregina@uol.com.br

Palavras chaves: cidade, subjetividade, gênero, raça, psicologia.

Introdução

O texto que se apresenta procurar abordar a questão do movimento humano no solo das grandes metrópoles urbanas a partir das perspectivas da psicologia social, psicanálise e ciências sociais incluindo a geografia e antropologia.

Para tanto, observamos, a partir de perspectiva etnográfica, o movimento dos corpos de jovens negras – meninas negras, sob o olhar dos fundamentos de estruturação emocional e intra-psíquica os quais ajudam a formular componentes de inscrição de identidade. Sob tal fundamento, realizou-se a análise do contexto sócio-antropológico das jovens negras a partir da perspectiva psicanalítica, amparada pela análise materialista histórica da psicologia social brasileira (“*Escola de São Paulo*”).

Aliada à crítica materialista histórica no bojo das dimensões de estruturação psico-emocional e de formação/ construção da identidade negra, utilizamos as referências da análise social e política do espaço geográfico.

O espaço, solo cidadão da metrópole, compreende uma significação política, administrativa, de gestão, uso e ocupação do território.

Este território – territorialidade – compreende também a dimensão do humano, o movimento dos corpos humanos em direção a melhores condições de vida e trabalho.

A vida material e objetiva necessita do repouso – casa, habitação – para a reposição da energia gasta no trabalho e lazer, e também do trabalho – local de sustento imediato e possibilidades de projeção do futuro.

Sob tais aspectos, elegemos os corpos das meninas negras para analisar este trânsito no espaço/lugar nas cidades metrópoles do capitalismo: São Paulo e Paris.

Ambas as cidades apresentam conformações semelhantes no que diz respeito ao trânsito dos corpos jovens, dos corpos negros e as formas de acolhimento ou rejeição desses corpos mediante políticas, acessos aos desenvolvimentos das cidades metrópoles, violências, restrições e extermínios de possibilidades de encontro entre as zonas de ocupação da cidade por corpos diferenciados em sua conformação específica: corpos negros, corpos brancos, corpos híbridos (mestiços), incluindo também as dimensões de gênero e idade.

Paris e São Paulo são metrópoles globais. Paris é no cenário europeu referência em estudos e eixo difusor de cultura há vários séculos. Na atualidade ela congrega com outras localidades européias o pólo da riqueza e do desenvolvimento como um todo.

Embora a Europa na atualidade esteja sofrendo franca transformações em seu cenário de desenvolvimento social, Paris ainda é capital européia da riqueza econômica, social e cultural do apogeu capitalista.

Embora a tradição social democrata, enquanto marca histórica da França pós-revolução francesa, as dimensões sociais e econômicas sempre foram moldadas ao modo de vida capitalista. Um forte regime de bem estar social (Welfare State) vem ao longo dos anos decaindo em toda a Europa e principalmente na França, a qual foi uma das protagonistas no pós-guerra no fortalecimento do estado em relação a recuperação da pobreza e miséria da população francesa através da garantia de acesso aos direitos civis.

É preciso considerar contudo, que a tradição socialista francesa está muito mais aliada a dimensão dos requisitos da República Civil enquanto princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, o qual é o responsável basicamente pela imagem diplomática do país em relação aos diferentes conflitos políticos e sociais no mundo contemporâneo do que propriamente um

alicerce econômico e social interno para as “regras” de convivência social no cerne da vida e cotidiano francês.

Sendo Paris uma das referências de metrópoles do capitalismo europeu, São Paulo, no Brasil, é também a capital metrópole da América Latina. Uma grande e emblemática cidade que congrega em suas características as condições inerentes a sua grandiosidade: riqueza e pobreza, luxo e miséria, desenvolvimento e precariedades, acesso aos bens materiais capitalistas e exclusão total de uma grande maioria aos benefícios da cidade metrópole.

As grandes metrópoles do capital possuem em nossa atualidade tais circunstâncias conformatórias. Elas não são para todos. Elas elegem seu público que poderá livremente transitar seus teatros, seus cinemas, museus e exposições culturais. Ela elege aqueles que poderão ter passe livre na cidade e obter a luz de seu desenvolvimento grandioso.

Em geral nestas cidades, falando principalmente de Paris e São Paulo, é através dos corpos e suas características físicas (anatômica) e psíquicas (identitária e política), que a circularidade destes corpos é vigiada e mediada por condições de limites e permissividades. Através de códigos morais e padrões de comportamentos psíquicos moldados na cultura, na tradição e historicidade.

Sob tal condição procuramos construir e compreender o trânsito dos corpos jovens – jovens meninas negras – em cidades emblemáticas de uma territorialidade global: América Latina (São Paulo) e Européia (Paris).

Considerando que o mundo global eminentemente capitalista é formado principalmente pela premissa do modelo de mundo americano (*american way of life*), a linguagem cinematográfica nos empresta a condição de discorrer sobre similaridades e diferenças (?) entre as formas como os corpos de jovens negras, circulam e transitam no espaço/lugar (territorialidades) das principais grandes cidades metrópoles do mundo.

Temos então a análise empírica da pesquisa etnográfica realizada em São Paulo e Paris, incluindo em São Paulo as dimensões da análise cinematográfica do bairro da Vila Brasilândia e a dimensão biográfica de quatro meninas negras protagonistas no filme *Antonia* (Tata Amaral, Brasil, 2007), e a análise biográfica e movimentos dos corpos físico e psíquico – identidades – de jovens negras moradoras do bairro do Harlem, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, através das considerações que fizemos do filme *Precious* (Lee Daniels, EUA, 2009), o qual é baseado no livro *Push (1996)* da escritora norte americana Sapphire.

O livro que dá origem ao filme possui traços autobiográficos de Sapphire, e é permeado por histórias do tempo em que a autora foi professora de jovens e adultos que não sabiam ler no bairro do Harlem, na cidade de Nova York, nos EUA.

Com este campo empírico possuímos enquanto análise as cenas dos corpos de jovens meninas negras nas metrópoles globais de São Paulo, Paris e Nova York.

A metodologia do trabalho inscreve-se pela qualidade epistemológica do campo da psicanálise e da psicologia social materialista histórica. Sob tais perspectivas o fundamento principal do argumento analítico é a condição de observar o cotidiano das jovens, seus corpos físicos em movimento na metrópole. Seja por linguagens itinerantes – a música, a fotografia, o desenho e o cinema – seja por linguagens etno-culturais – o corpo físico e psíquico em contato com a linguagem oral em entrevistas e situações dialógicas com a pesquisadora ou com seus pares (profissionais que trabalham com adolescentes e jovens em Paris e em São Paulo).

O período dos trabalhos no campo empírico procederam-se em diferentes momentos nas cidades de São Paulo e Paris. E os desdobramentos do percurso etnográfico a partir da análise psicanalítica e materialista histórica na psicologia social, a partir do eixo de discussão clássico da “Escola de São Paulo” – *identidade, metamorfose, emancipação* – produziu desdobramentos a partir da leitura igualmente psicanalítica e materialista histórica dos filmes *Antonia e Preciosa*.

Aliada a esta metodologia de trabalho temos também a análise de dados de pesquisas sobre a condição do jovem negro na cidade de São Paulo, os quais revelam que a população jovem e negra em São Paulo ocupa os primeiros lugares em analfabetismo, não escolarização, precariedades no acesso ao trabalho formal e residência distante do centro de desenvolvimento da metrópole.

Infelizmente, na cidade de Paris, os dados quantitativos não foram passíveis de análise, visto que há na França (em 2007) uma luta social que visa não realizar a computação destes dados sob a justificativa que eles estariam indo contra os princípios da própria República Francesa de igualdade civil entre todos. Algo parecido com o mito da democracia racial no Brasil, temos em França o mito da República.

Percorrendo o trânsito das meninas negras na grande cidade metrópole do capitalismo brasileiro, observamos os territórios geopolíticos de como esta população encena seu protagonismo na metrópole.

As cenas dos corpos negros juvenis e femininos na metrópole paulista, além da análise histórico-social e psicanalítica, congrega aspectos quali-quantitativos das dimensões de desenvolvimento social reservado às populações jovens e negras na cidade. Os territórios da pobreza e da riqueza. Os territórios da cidadania e da não cidadania. A cidade escura e a cidade iluminada. E como os corpos das meninas negras se inscrevem (*mise en scène*) em

suas dores, martírios, sofrimentos, alegrias, lutas, conquistas, vitórias e esperanças, diante destes territórios partidos.

“Mise en scène”

O movimento e dança dos corpos das jovens meninas negras nas metrópoles do capitalismo global demonstra que as meninas negras inscrevem-se pela dimensão do olhar atento à vida. Do olhar atento ao presente, ao futuro e também ao passado.

As meninas negras não estão aprisionadas como alguns talvez interpretem na dimensão ideológica da vida do consumo e da dimensão materialista que são os apelos emblemáticos da dimensão capitalista de nosso mundo ocidentalizado e contemporâneo.

Apesar de sofrerem influência direta deste apelo e configurarem-se em algumas estéticas que as direcionem para uma aparente total sintonia e adequação ao que lhes é proposto – imposto (as rupturas sociais, o detrimento do mundo da vida, das relações de amizade, de ajuda, de solidariedade, a espontaneidade a partir de trocas sociais fundadas no respeito e na igualdade), há a dimensão da desconfiança e da condição de vislumbrar que é possível posicionar seus corpos em outras direções.

Elas ainda não sabem ao certo qual direção posicionarem-se para produzirem um espetáculo que seja digno e autêntico as dimensões de seu porvir, na sua intuição, desejo e vontade de transformar-se e transcender-se sob as óticas daqueles que capturam seus corpos.

Seja na captura da restrição do acesso à vida mesma que todo jovem poderia ter: saúde, educação, cultura, habitação, lazer; seja na captura das lentes daqueles que deveriam protagonizá-las a partir da audição de seus fazeres – movimentos identitários.

Neste sentido, nas metrópoles globais, nem os algozes das cenas juvenis na metrópole (a polícia, os aparatos judiciosos – no detrimento da movimentação espontânea dos corpos encapsulando-os em uma fricção mecânica e agressiva), nem os ideólogos – pesquisadores, estudiosos e cientistas (sociais, psicólogos, intérpretes da cena) são capazes de descortinar o que a cena mesma apresenta ou protagoniza.

Nas metrópoles globais, as jovens meninas negras são violentadas em seus percursos de vida e surgimento identitário. Expostas estão à dimensão histórica e social de seu tempo de vida e existência em territórios de não cidadania.

Elas protagonizam um exército de bravos que ainda não se extinguiu e que se levanta a cada dia em toda ancestralidade que se apresenta nas cenas, nas estéticas, nas formas de usos e costumes das roupas, estilos e corpos das meninas negras nas metrópoles.

Seus pais – ancestrais negros – percorreram na metrópole a saga da não existência, expulsos que foram de seus territórios de esperança e construção de liberdade.

Em São Paulo, os negros paulistas, no período pós-abolição, fruto dos engendramentos do capitalismo emergente, fundaram suas casas, seus imóveis, seus assentamentos, territórios do trabalho e do repouso, no centro da capital paulista. No Largo do Rosário, na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e seu cemitério.

Neste chão metropolitano de uma cidade capitalista emergente que construíram, os negros alforriados, libertos e africanos livres vindos da costa da África, encenavam suas vidas nos territórios brasileiros, como (re)edição transformada de sua história e origem de protagonismo frente suas capacidades de desenvolvimento.

Eles, os negros libertos, africanos e forros, eram os donos da terra que construíram e edificaram no chão da metrópole paulistana.

Eles estavam ali justamente onde tudo acontecia: no comércio, no trabalho, no lazer e na cultura; como engraxates, sapateiros, vendedores de verduras, frutas e quitutes nas quitandas alugadas pela Igreja do Rosário que pertencia à Irmandade do Rosário dos Homens Pretos. No “footing” aos finais de semana na rua Direita, no prenúncio do samba paulista com seus bandolins, violões e cavaquinhos.

As mulheres, jovens moças do século XIX eram aquelas que lavavam, passavam, vendiam seus bolos e quitutes nas ruas da cidade – geléias, frutas, hortaliças, legumes, batata doce, milho verde cozido, pamonha, cuscus de camarão de água doce e peixe frito - cuidavam de crianças, suas e de outros e favoreciam e construíram a economia e riqueza emergente da capital paulistana.

A ancestralidade negra foi a mão que edificou, em São Paulo, a riqueza do capitalismo brasileiro, em função de ser São Paulo a primeira economia do país.

Não estamos falando apenas da cena cotidiana histórica brasileira do uso dos corpos negros nas lavouras de café e açúcar no cenário paulista e outras culturas no território nacional e internacional.

Falamos agora principalmente das marcas do trânsito e corpos negros nas cidades. Como a ancestralidade negra protagoniza a psique e identidade das jovens meninas negras no solo cidadão da metrópole cosmopolita. Ancestralidade esta que pode ser resgatada pelo percurso e itinerário destes negros, que por força de sua resistência conseguiu, após a apropriação indébita de um estado racista e conservador das elites brancas paulistas da área de propriedade dos negros, africanos e forros – o Prefeito Antonio da Silva Prado – uma área menor para a nova implementação de sua Igreja. Embora o que lhe foi trocado enquanto justo foi

extremamente inferior à área geográfica que a população negra em São Paulo havia construído e valorizado ao seu entorno.

Em troca pelo espaço de construção da vida e território da esperança dos negros, africanos brasileiros na cidade de São Paulo, Largo da Igreja do Rosário, a Praça, o Cemitério, a Fonte de água potável – o chafariz – e as casas no entorno da Igreja, as quais serviam de prédios alugados, para comerciantes brancos da época¹, renda utilizada inicialmente na compra de alforria de irmãos escravos e posteriormente para habitação, ajuda e sustento das dificuldades inerentes aos ex-escravos africanos e africanos brasileiros - foi oferecida pela prefeitura uma área menor em proporção e em qualidade – O Largo do Paissandu: local de brejo, em que haviam plantações de chá. Ali seria erguida novamente a sede da Igreja e Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em São Paulo, com a proibição expressa do poder público municipal de erguer o formato das antigas habitações coletivas e o cemitério local (Amaral, 1988).

Reduzida a cena de seus corpos no espaço e território da cidade, os africanos brasileiros procuram movimentar-se para não extinguirem-se na construção de outros novos territórios. Protagonizando novas incursões nas cenas da relação de seus corpos com a metrópole.

Seus movimentos e seu trânsito é empurrado com violência para longe da cena da riqueza. A metrópole rejeita aqueles que a fez crescer e brilhar em sua virtuosidade. Ela coloca para além da cena observável a presença dos corpos indesejáveis, dos corpos que não correspondem aos ideais de uma sociedade que estrutura-se a partir de premissas européias – brancas.

Os corpos negros, força de trabalho, usos e abusos importantes na evolução econômica do capitalismo das metrópoles, são agora extirpados de sua utilidade. Desejando os detentores do poder decisório formal da sociedade, não apenas a extinção de seus sentidos e significados plantados e impressos por seus corpos nas cenas e territórios da cidade, mas o extermínio mesmo de sua carne.

E é assim que a inscrição de seus corpos nas cenas da cidade metrópole não se apaga e se reedita nos corpos em cena de seus filhos - netos, bisnetos, gerações posteriores.

As meninas negras das metrópoles globais, tanto em São Paulo quanto em Paris, encenam seus corpos com a mesma dor e luta de seus antepassados.

¹ O Restaurante Fazzano, uma das mais bem sucedidas redes de restaurantes paulistas, sucesso inclusive atualmente em outros estados brasileiros, teve seu primeiro restaurante (o italiano Irmãos Fazzano) sediado no Largo do Rosário, justamente no prédio alugado pelos proprietários negros da Irmandade do Rosário de São Benedito dos Homens Pretos, os quais posteriormente seriam desapropriados de seus bens pelo poder público municipal, que destruiu todas as edificações dos Pretos do Rosário, preservando unicamente - o prédio em que os italianos Fazzanos, alugavam o movimentado ponto comercial.

Elas transitam pela cidade não com a mesma versatilidade de seus avós e pais, que saídos das senzalas, estavam próximos dos núcleos de desenvolvimentos citadinos de um mundo bem próximo e pequeno.

As jovens meninas negras em seus corpos de vida e sonhos afetivos, emocionais, psíquicos – oníricos – e de esperanças, andam muito. Atravessam longas e grandes distâncias.

O que elas têm em comum com os seus antepassados é além do percurso longo e árduo da diáspora, dos movimentos de territorialização e desterritorialização, é a condição de transitarem de um lugar a outro e refazerem seus caminhos de sentidos.

As jovens meninas negras, refletem sonhos de um idílio comum a jovens de todas as épocas. A esperança, a transformação, a liberdade.

Em seu recorte de gênero, não procuramos fazê-lo propositalmente. Apenas durante a focalização das cenas dos corpos dançantes nos percursos das imensas metrópoles, elas que se deixaram focalizar. Foram elas, as meninas, que encontraram e permitiram nossa focalização.

Elas foram, durante os meus itinerários percorridos nas metrópoles,

se tornando cúmplices da lente. Inevitável. “Se me movesse alguns milímetros para a direita ou para a esquerda, ou se por sua vez o rosto se movesse, a visão se desmontaria, o rosto se dissiparia”. Nesta frase, enxerto do texto *O único rosto*, Hervé Guibert (1984) declara, como nesta cena, o momento em que o fotógrafo e fotografado se colocam em uma mesma sintonia (Camargo, 2010).

Estar com as jovens meninas negras foi o percurso do itinerário da autora. Elas me encontraram e eu as encontrei no local e lugar mesmo onde estavam.

Elas puderam falar em São Paulo e Paris, da distância da periferia da metrópole. Da vida diferente, do acesso à educação, a cultura e o lazer. Da falta de equipamentos sociais na periferia para melhores aprimoramentos das crianças e dos jovens. Das dificuldades do acesso ao mercado de trabalho principalmente quando se reside distante do centro.

Que o centro e a cidade iluminada da metrópole não é para todos. A cidade Luz - Paris – é escura e ainda mais fria no contexto da periferia. Elas marcham todos os dias, para o trabalho ou o estudo para as proximidades do centro. Provam das bordas da riqueza que a cidade ostenta. Mas não participam plenamente do banquete como gostariam.

Elas têm sonhos de ver um mundo melhor, para elas e para os outros também.

As meninas de São Paulo, referem que o trânsito de seus corpos entre a metrópole e a periferia é entrecortado por estigmas, violências, desprezo, cansaço, diferenças, desilusões. Dizem que o jovem da favela vive em um mundo à parte, alienado em seu universo. Dizem que é importante o esforço para sair deste mundo, mas não há oportunidades para os jovens

que residem nos territórios da pobreza, longe das luzes sedutoras da metrópole. Elas acreditam que o apoio social seria importante para que os talentos dos jovens da periferia fossem percebidos e que pudessem ser aceitas como pessoas valorosas para o contexto da vida como um todo. Mas hoje há muito preconceito em relação a quem mora na periferia, referem. O trânsito na cidade metrópole é de hostilidade entre os que pertencem à cidade iluminada e os que querem ou procuram a ela pertencer.

Um trecho das cenas de seus corpos na metrópole:

“Há um muro que separa a favela da cidade. Não é fácil romper este muro. Ele precisa ser rompido, mas os jovens tem muita...muita, é...dificuldade. É difícil. Há discriminações e não há oportunidades. Por isto aqui é um lugar de sofrimento, de fome, de coisas difíceis. A vida não é fácil. Por outro lado você abre a janela e dá de cara com a janela do vizinho. Tudo é muito próximo. Viver na favela é bom, mas é preciso ter cuidado...” (Jovem negra, 19).

As meninas negras sonham com família, ajudar suas mães, francas trabalhadoras, solitárias em geral sem seus companheiros, que sustentam seus lares e crianças. Sabem que na favela podem contar às vezes com as pessoas. Mas é também uma sociabilidade que precisa ser cuidada, vigiada, preservada. Não se sabe ao certo, mesmo com a proximidade entre vida privada e vida do cotidiano quem são amigos e com quem não se pode contar em nenhum momento.

O cotidiano da favela, a cena dos corpos na metrópole, pois que a favela é uma extensão plena da metrópole que em sua riqueza quis apartar seus membros do núcleo de seu poderio, é representação da tensão e das formas de sociabilidades urbanas inscritas no itinerário dos corpos na metrópole.

A jovem expressa que viver na favela é inspiração e aconchego – a proximidade das janelas, a intimidade compartilhada, mas também, em algumas circunstâncias resvalada, invadida, por pessoas que nem sempre são próximas do ponto de vista das relações de confiabilidade e segurança afetiva, emocional e social.

A cena e o itinerário dos corpos das jovens negras na cidade revelam as defasagens da metrópole. Suas incongruências. Sua pobreza, sua fragmentação de progresso e desenvolvimento. O cotidiano dos corpos entre a periferia e a cidade metrópole revela o coletivo degradado que é a cidade. Na sua partilha mal formulada e desigual do território. A pobreza apartada da visibilidade da metrópole. Mas as precariedades, mesmo que aparentemente invisíveis, exercem força, movimento, tensão na circularidade da metrópole, tornando-a complexa, rica em instabilidade e contingências.

A cena dos corpos das jovens negras se dá pelo tempo que elas realizam seus percursos, seus itinerários de angústias, enfrentamentos, no deslocamento que realizam para o precário acesso à escola, da qual muitas vezes desistem, do deslocamento da vida mal preparada da escola para o trabalho, que também as recebe como sujeito de menos valia. A escola e o trabalho enquanto fontes de uma mesma posição de encarceramento de suas vidas e identidades moldadas para a submissão e o conformismo. Na vida prática do cotidiano duro do labor de seus corpos, as jovens negras interpretam seu tempo, de modo particular, a partir de sua classe social e de sua própria história.

Na velocidade das cenas e dos corpos que adentram as cenas velozes das cidades (periferia e metrópole), há grande aprendizado para os corpos psíquicos e simbólicos das jovens meninas negras.

A aprendizagem se dá não apenas na interpretação de seus corpos mediatizados na vida e luta cotidiana de suas existências práticas e objetivas. Neste aspecto elas apreendem o tempo com precisão e formosura, e dão conta de viver seus enredos conforme as possibilidades imediatas. Mas elas além disto, reservam a interpretação da cidade a partir das insígnias de seu pertencimento histórico e cultural, a partir de sua ancestralidade que marca a presença de seus passos – de seus pais e avós – pelo longo percurso de construção e acesso à cidade metrópole. Então na grandiosidade de São Paulo e Paris, as jovens meninas negras sabem que

“ A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais, e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado” (Santos, 1998:83)

Sonham com o casamento. Diferente do casamento de seus pais. Com um jovem que as ame, que as ajude a trilhar o filme de sua felicidade genuína.

Transitando pela metrópole elas acreditam – imaginam - que a *cidade centro* é perfeita. O lugar onde a comunidade melhor se representa.

Nesse sentido a noção de comunidades imaginadas, para Stuart Hall, é central

não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem onde um “*sujeito imaginado*” está sempre em jogo. Onde começam e terminam suas fronteiras, quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de casa?(Hall, 2003).

Na cidade há mobilidade, fluxo dos carros, demarcação da presença da estrada que aponta para diferentes direções. Mas na favela, o único movimento é o da permanência, da eterna tempestade, da mesmice, que encarcera a identidade dos sujeitos como estática e congelada.

A identidade na favela/periferia em seu trânsito e comunicação com a cidade metrópole, é de difícil construção, ela é pautada por forte discriminação não apenas representada pela questão de ser negro, mas pela questão de ser também favelado.

Os corpos em cena nas metrópoles globais das meninas negras, apresentam uma identidade dividida entre a dura realidade da existência compartilhada no interior da favela e também no universo da cidade imaginada. Do acesso à participação no mundo do trabalho e das oportunidades – mobilidade.

Os corpos em cena das meninas negras fazem o trajeto da periferia à rua asfaltada da cidade. Elas percorrem com seus corpos o contorno da cidade metrópole. Encerram-se por vezes nas periferias, mas seus núcleos de vida e de pensamento – reflexões e desejos – transitam e dançam na luminosidade da metrópole, em sua riqueza e fascínio.

Os corpos e movimentos das meninas negras denotam que metrópoles e periferia são territórios de limites fronteiros. Há continuidade dos passos e percursos de seus ancestrais que ano a ano foram levados a construir novos territórios de vida, seja no morro da favela, na periferia, seja nos cortiços e nas ruas do asfalto judiado das metrópoles.

Processos subjetivos que transitam no limite de construção de identidade, ligando passado, presente e futuro, procurando significados de vida entre o território da exclusão e da fome com o território do poder e da oportunidade. Os corpos em cena em seus processos de subjetivação constroem na realidade e imaginariamente um sentido de sua vida na história. Sob tal perspectiva, este pôr-se em cena – inscrever seu corpo sobre o solo da metrópole – a qual compreende território rico e territórios da exclusão – é um gesto forte e lúcido de grande transformação.

Transitando na co-presença, elas aprendem a diferença, aprendem que podem obter condições de subverter a ordem sistêmica dos mesmos gestos e fazer para si e seu grupo imediato, a família, os filhos, os sonhos particulares, uma grande força de boas vivências. Enfrentando seu enredo, não subjugando-se perante o contexto que quer encerrá-las em insignificância e invisibilidade, mas que se fortalece na co-presença da diferença entre pares que se encontram no percurso translúcido da cidade – espaços opacos que são na verdade cheios de luminosidade: solidariedades.

As grandes cidades, mesmo com os acessos cheios de interditos favorece aos corpos das jovens negras em seu itinerário, grandes vislumbres de esperanças, as quais são construídas pelas inscrições na psique de seus antepassados.

Martirizados e expulsos da riqueza central da cidade que engendraram com suas próprias mãos e suor de seus rostos, as mulheres e homens negros da cidade de São Paulo, bem como os africanos vindos à Paris para trabalhar no importante processo de industrialização da

França, bem como a convocatória aos jovens africanos das colônias francesas pelo general De Gaulle, para fazerem parte das forças armadas na Resistência Francesa por ocasião das guerras mundiais, deixam no solo citadino da metrópole a herança de suas lutas e enfrentamentos.

Sua morte e martírio não foram em vão, pois que a sociabilidade urbana, na vivência da co-presença das meninas (e meninos também), ensina à eles que há mudanças na perspectiva do tempo dos poderes do mundo.

Eles aprendem com rapidez as formas de resistência e lucidez dos usos históricos que se fizeram da população da qual descendem.

E ao fazerem tal interpretação, preparam-se para modificar a ordem dos acontecimentos.

Tanto em Paris como em São Paulo, os movimentos sociais juvenis demonstram que eles querem espaço, querem pertencer às demandas do poder. Eles se expressam, dizem o que querem. Sua identidade, a cena e o movimento de seus corpos, é uma questão histórica de origem múltipla e diversa, de vários povos e contextos.

As expressões juvenis do contexto periférico dialogam com a diferença. Eles refletem sobre sua diversidade e alteridade.

As adolescentes negras nas cenas das metrópoles investigadas são filhas dos expropriados da terra. Arrancados de sua história. Eles pertencem e vem de diferentes origens. São em sua maioria negros e mestiços, mas comportam a diversidade das populações secularmente exploradas, massacradas, violentadas, subjugadas.

A questão urbana e a segregação espacial e racial é a manutenção desta condição de violência, de não lugar, de tentativa de genocídio. Ainda assim, as jovens negras das periferias realizam diálogo importante com a comunidade. Como as protagonistas – meninas negras - do filme *Antonia* e a garota negra *Preciosa* de Lee Daniels, elas recriam seus universos. São portadoras de novas saídas para as dificuldades vividas. Pela música, pela dança, pelo *rap*, *hip-hop*, pela leitura, pela escrita, pelos desenhos – das meninas paulistas e francesas - e pelo “*slam*”, na França (Oliveira, R.M.S. 2008:209).

A jovem *Preciosa*, protagonista do filme com traços autobiográficos da autora – uma artista e escritora negra que viveu por dez anos no Harlem em Nova York ensinando jovens e adultos a ler e a escrever, é a linguagem do corpo de muitas das jovens das periferias paulistas que observamos. Não apenas no sentido da violência que sofrem em sua carne e corpo físico, mas da violência histórica e social – perpassada e transfigurada pelo contexto familiar – que diz respeito à segregação sócio espacial da metrópole. Visto que a segregação sócio-espacial é também racial (Oliveira, 2008).

A arte e linguagem ficcional cinematográfica em *Antonia e Preciosa* representam em cena – *mise en scène* – o movimento dos corpos que não é apenas um constructo físico-anatômico. Mas uma dimensão complexa a qual envolve estruturação subjetiva e processos de reconhecimento de percursos identitários, em diálogo estreito entre indivíduo e sociedade, relações objetivas e subjetivas, singular e plural (Oliveira, R.M.S, 2008). O corpo, ou a imagem corporal eroticamente investida, é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo, a qual depende em grande medida da relação que ele cria com o corpo (Costa, 2005).

A linguagem do cinema documentou e apreendeu as dimensões vividas pela realidade dos sujeitos da pesquisa em Paris e em São Paulo. As convergências, similaridades e semelhanças são de grande sintonia.

Em *Antonia*, o significado do nome do filme é uma homenagem das jovens aos seus avós, cujos nomes dos avós de todas elas era Antonio.

A cineasta Tata Amaral em 2007 em Paris, quando foi premiada no festival de filmes brasileiros naquela metrópole foi argüida pela pesquisadora sobre o fato do nome dos avós das personagens ser um elemento ficcional ou verídico.

A cineasta informou que o dado da cena do filme era verídico – a homenagem que as meninas negras fazem a seus avós colocando o nome do grupo musical de rap *Antonia*. Isto causou à ela, cineasta, certa admiração por parte da história das protagonistas do filme que, assim como *Preciosa*, mistura ficção com realidade.

Por tal admiração, Tata Amaral resolveu, assim como as jovens meninas negras na cena de seus corpos na metrópole paulista, dedicar o filme *Antonia* a seu avô.

O significado – corpo imaginário e psíquico das meninas negras – desta reverência das moças, que compactua a própria cineasta na cena mesma do protagonismo, aos pais mais velhos – os avós – é a mensagem da cosmologia africana presente no cotidiano dos negros brasileiros.

Os passos percorridos das cenas dos corpos na metrópole, pelos antepassados das meninas negras, como por exemplo, a expropriação dos negros da Irmandade do Rosário, passa a ser a recriação da força de sustentação identitária das jovens meninas negras.

Elas recriam seu imaginário superando seus contextos imediatos e objetivos. Fazendo a interpretação da cidade e do trânsito da velocidade elas aprendem os códigos da co-presença. Observam, participam, aspiram e pensam.

Elas posicionam-se para além da cena. Em lugar e espaço onde só o artista pode conceber e explorar, porque só ele possui a maestria do encontro da vida subjetiva com o encenamento concreto do uso do espaço.

Precious Jones salvou-se pelo acesso à educação formal. Além da presença inscrita em sua psique negra – a ancestralidade da diáspora representada pela avó materna (a mesma ancestralidade dos avós das Antonia), bem como os negros Irmãos Pretos do Rosário em São Paulo enquanto fio de ligação ancestral – cordão umbilical - das meninas negras paulistas, e os africanos combatentes na Resistência Francesa durante as guerras mundiais; pontes de encontro entre as jovens francesas e seus griôts.

Pela habilidade fundamental da leitura e escrita – leitura de mundo e inscrição da vida – Precious Jones fundará e fortalecerá sua identidade de pessoa humana. Sujeito humano, capaz de transgredir a ordem que lhe foi secularmente imposta, para inserir-se e projetar-se, a despeito de seus infortúnios e descaminhos não buscados, como sujeito e autora (atriz) de si mesma. Cunhando o seu enredo e interpretando sua cena. A atriz encena: não o roteiro à ela fixado, como um mero personagem do enredo. Ela é a própria luz da peça. Não é apenas personagem, mas cria o roteiro de sua própria existência, vivência, experiência. Com as dores e alegrias de ser por si.

A educação formal – a leitura e a escrita – salvou Precious Jones. Assim como coloca as meninas negras parisienses em melhores condições formais de falar sobre suas necessidades para formulação de identidades políticas e individuais.

O diálogo entre os três cenários de mundos nas metrópoles globais (São Paulo, Paris e Nova York) se inscreve na convergência das circunstâncias. E Preciosa assim como Antonia são meninas jovens negras de todos os mundos da contemporaneidade planetária.

Felizmente elas, as meninas negras, as que deixaram-se fotografar – os meninos não o fizeram – representam também o protagonismo das mulheres negras: pioneiras no fazer da casa, da rua, da vida e da família. Amparando seus filhos, seus pais, seus amigos e seus esposos. Boas e valorosas meninas. Estas fortes mulheres negras.

Em *mise en scène*, expressar uma cena, uma emoção, um estado através de um corpo – estética e/ou imagem, no cinema, é algo que talvez pretenda ser concreto – pode ser congelado, reprisado e, portanto, eterno.

Mas assim como o movimento dos corpos toda imagem é em si fugidia, não apreensível, não aprisionável, veloz e não capturável. Ela evade, foge, nos deixa atônitos, com visões incalculáveis de sentidos.

As cenas e as imagens são poderosas porque elas não fecham ciclos. Elas anunciam transformações quando fragmentos são por segundos breves capturados.

Assim são as forças dos corpos das meninas negras em suas construções de identidades nas metrópoles globais do capitalismo: elas ensaiam golpes decisivos de revoluções emergentes.

Elas, como todo bom discípulo – aprisionadas que estão no clo ancestral materno da diáspora - aprendem a superar primeiro a si mesmas.

A identidade – os corpos em cena nas metrópoles – das meninas negras amplia-se a partir da “zona de contato”. Expressão que compartilha com Milton Santos (1998) a dimensão da co-presença, do aprendizado da diferença na sociabilidade urbana. No sentido de que a zona de contato é a “*co-presença espacial e temporal dos sujeitos anteriormente isolados por disjunuras geográficas e históricas cujas trajetórias agora se cruzam*” (Haal, 2003:30).

É o “*Grit*” que acalenta sua marca individual e coletiva, o processo de engendramento da memória e transmissão cultural transgeracional que funda o movimento de seus corpos no mesmo chão do passado de seus avós – antepassados/ancestralidade - que  também novo e diverso, um outro lugar – a cidade  nova, é um outro tempo, e no tempo dos corpos das jovens meninas negras, a cidade está *num outro lugar*.

E neste *outro lugar*, de mobilidade espacial, as meninas – seus corpos, suas identidades – se fortalecem, se recriam no reino imaterial da liberdade. Por isso, as meninas comuns da periferia acabam por ser “*mais velozes na descoberta do mundo, seu comércio com o prático-inerte não  pacífico, não pode s-lo, inserido que estão num processo intelectual contraditório e criativo*” (Santos, 1998:85)

Conclusões

As cenas que vislumbramos – identidades – multiplicam-se e fortalecem-se. Força de incursão fundamental para a superao da barbárie.

As meninas, jovens que são, sempre nos escapam. Como a cena, *mise en scne*, em perfeio não pertence ao cineasta.

A imagem – o corpo - é um fragmento e seu nível de alcance é o infinito.

As meninas, jovens mulheres, estão em marcha. Nossa tica e nossas câmeras as escapam. Elas fogem. Não as vemos.

Como Nan, elas tem os segredos antigos da vida na Terra. Por enquanto elas são jovens. Então elas ainda os interpretam.

Mas como jovens - bonitas mulheres - elas nos do mostras, em um lance, da exuberância de seus corpos – identidades dos “*de baixo*” que se firmam.

meutes: forças revolucionárias sociais e individuais que se anunciam. Novos tempos!
Mundo novo!

Referências

AMARAL, R. J. *Os pretos do Rosário de São Paulo*. São Paulo: Scortecci editora, 1991.

CAMARGO, D. *Identidade negra e mestiçagem no Brasil: uma reflexão sobre o processo da fotografia das heranças compartilhadas*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (NP20 - Fotografia: Comunicação e Cultura), 2010.

COSTA, J. F. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

HALL, S. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, 1999.

OLIVEIRA, R. M.S. *A identidade de jovens negros nas metrópoles urbanas: recortes entre São Paulo e Paris*. São Paulo: Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC/SP, 2008.

OLIVEIRA, R.J. *Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC/SP, 2008.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1998.